

Escutismo | Rover Ibérico 2015

ALEXANDRA GONÇALVES
JOÃO CALDAS
(DIRIGENTES DO CNE)

Um ano de Rover Ibérico (2015), atividade internacional de Caminheiros, organizada em conjunto, pelo CNE – Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português e pelo Scouts MSC - Movimiento Scout Católico de Espanha, e a relativamente pouco tempo do seu início surgiu um contacto para liderar um desafio na nossa vizinha Espanha, no Parque Natural Monte Aloia, em Tui na Galiza. Logo de início pareceu-nos uma tarefa difícil, uma vez que estávamos a pouco tempo e era uma área geográfica que não tínhamos grande conhecimento para preparar dinâmicas interessantes para o grupo. Mas, seguindo o nosso lema “sempre alerta para servir”, aceitá-

mos o desafio e pusemos mãos à obra. Tomámos conta das especificidades do desafio e começámos com os preparativos. Contactámos a diocese de Tui, na pessoa do Dom Ricardo, que se disponibilizou de imediato para nos ajudar nesta missão. Através dele conseguimos local de pernoita num albergue de peregrinos, mesmo no coração do Monte Aloia, e, com a magnífica colaboração de uma equipa de biólogos da empresa Babadiva Ambiental, que na altura estava a gerir o Parque Natural Monte Aloia, conseguimos preparar experiências únicas para os caminheiros, no contacto com a fauna e com a flora daquela região.

Foram momentos intensos de trabalho, que acumulámos com o nos-



so trabalho na equipa de Núcleo e no nosso agrupamento, para o qual contámos, ainda, com a ajuda de mais dois elementos fundamentais da equipa dos caminheiros - João Oliveira e Orlando Araújo - do Agrupamento 660 de Montariol. Uma equipa que se colocou ao serviço de um grupo de jovens que não conhecíamos, pois só íamos conhecer, efetivamente, quando a atividade iniciasse, mas que queríamos que fosse memorável e que fizesse a diferença na caminhada es-

cutista de cada um. A entrega foi total, cada momento foi preparado com cuidado. As dinâmicas e os desafios tinham um propósito de fazer daqueles dias um exemplo de companheirismo, descoberta, contemplação e amizade para os caminheiros.

Tal como o tempo de preparação o tempo da atividade foi de grande atenção. Desde o momento em que juntámos o grupo na cidade do Porto (local da abertura) até Guimarães (local de encerramento) foi incrível. Os “quebra-gelo” foram agarrados de tal forma que o espírito de grupo começou a ganhar corpo desde a primeira hora. E como foi bom testemunhar que esse espírito não deixou de crescer e de se solidificar com o passar do tempo e com a apresentação de propostas de ação.

As aventuras, a animação, a união foram constantes. Sentíamos, como equipa, que o nosso esforço, que o trabalho realizado em prol destes jovens para esta atividade tinha sido positivo. Mas o que nos encheu verdadeiramente o coração, foram as mensagens posteriores à atividade. Avaliações mais distantes das emoções próprias destes momentos. Mensagens que nos inspiram enquanto dirigentes e que nos fazem acreditar que a nossa missão faz todo o sentido.

Partilhamos convosco apenas um excerto dessas avaliações e sentires que nos foram chegando da parte dos elementos: “*Não é preciso alongar-me muito para se perceber como me senti com esta atividade. Basta ver a felicidade do nosso grupo (incluindo os chefes) para qualquer um perceber o quão especial foi o*

Rover para todos nós. (...) Quanto ao desafio, a única coisa que tenho a dizer é um enorme obrigado aos chefes e ajudantes de chefes por tudo o que nos proporcionaram. Tenho a certeza que o fizeram com a maior das felicidades e é com a maior das felicidades que eu posso dizer que vocês já foram os meus chefes!”

Estas são palavras que vamos guardando no coração e que recordamos quando nos sentimos mais desmotivados. Sim, porque também vamos experimentando estes estados de alma, recorremos a elas para nos lembrar que a nossa missão passa por proporcionar às crianças e jovens deste movimento, momentos de verdadeiro crescimento pessoal para que se tornem adultos que façam a diferença pela positiva no meio social onde vivem.

“O Apito de Escuteiro” – no Hike Norueguês

DOMINGOS DUARTE
(DIRIGENTE DO CNE)

Esta história decorreu no 14.º Acampamento Mundial de Escutismo, o Nordjamb’75, em Agosto de 1975, nas montanhas da Noruega. O Hike foi a actividade de excelência deste Acampamento, que é uma excursão de 24 horas pelas montanhas da Noruega, com pernoita em modelo bivaque (abrigo simples). Esta actividade foi realizada em Patrulhas, nelas juntando escuteiros de países diferentes. Os Chefes também foram autorizados a fazer o Hike, em Patrulhas idênticas. A nossa foi formada por 6 Chefes, sendo: 3 Portugueses, 1 Dinamarquês (Jacon Kieffer), 1 Libanês (Munir Kasim) e 1 do Texas (Neil Laphan). Os Portugueses eram to-

dos Chefes do Núcleo de Braga, sendo: FA-Faria de Araújo, AA-António Azevedo e DD-Domingos Duarte. A organização de campo distribuiu as instruções para o Hike e deu liberdade às Patrulhas para escolher o equipamento colectivo. Aqui gerou-se a primeira dificuldade, devido ao necessário entendimento com diferentes idiomas que foi superada, com recurso ao idioma inglês. O objectivo principal deste Hike foi explorar as montanhas norueguesas nesta região de Lillehammer e pernoitar em modelo “bivaque-muito simples” junto a um riacho de montanha que fica num vale, juntando todas as Patrulhas. O primeiro percurso foi desde o acampamento até ao sopé da montanha, em carrinha fechada. Terminado este percurso



cada Patrulha caminhou e orientava-se por coordenadas diferentes, usando cartas topográficas e bússolas. A progressão foi muito diversificada porque inicialmente havia floresta, depois arbustos altos e terminava com vegetação rasteira de musgos e líquenes, formados pelo degelo das neves do inverno. Aí havia pântanos secos e muitos lagos pequenos que configuravam paisagens de sonho, sem árvores nem arbustos e com áreas visíveis muito extensas. Uma vez por outra, ao longe viam-se outras Patrulhas que mais pareciam formiguinhas

em movimento. A nossa Patrulha progredia, seguindo os percursos previamente definidos, com passagem obrigatória por pontos de controlo que registavam isso. O Chefe Libanês mostrou grande mestria em orientação por carta e bússola. No final da tarde, a progressão começou a orientar-se para o local de reunião geral das Patrulhas, junto a um riacho de montanha que se espalhava por um vale. Então, mudamos de paisagem, voltando aos arbustos altos que dificultavam a boa visibilidade. Foram aproveitados carreiros naturais, durante

muito tempo, ao longo da encosta descendente e em fila indiana. Depois de longa caminhada e já ao entardecer, a Patrulha observou a falta dum elemento e que era o Chefe Dinamarquês. Foram lançados gritos e sinais de apito de escuteiro mas sem êxito de resposta. Analisada a situação foi decidido que dois Chefes (AA+DD) voltassem para trás e os restantes elementos ficariam parados nesse ponto. Cada Chefe progredia por carreiros diferentes, em sentido ascendente. Para garantir o contacto entre eles foi combinado que DD usasse o seu “apito de escuteiro” para sinalizar a sua presença e também para procurar resposta do Chefe perdido. Isso foi praticado muitas vezes e com preocupação crescente porque o

dia estava a findar. Entretanto, num dos sinais de apito surgiu uma voz distante, o que gerou ânimo para progredir por entre os arbustos.

Finalmente, foi avistado o Chefe Dinamarquês em cima dum penedo que fazia sinais de voz e mãos, para melhor ser visto. Então, desceu e juntou-se a todos nós, sendo recebido com muita alegria. Juntamente, caminhamos para a reunião prevista com as restantes Patrulhas internacionais e que já estavam em grande convívio escutista, junto ao referido regato, cujas águas foram refrescantes. Este convívio prolongou-se em modelo de Fogo de Conselho e terminou com pernoita em bivaque.

Conclusão? O “apito do Escuteiro” foi valioso para facilitar o bom êxito do caso desta história.